

Colônia Confiança III: uma aproximação da agricultura familiar roraimense

Suênia Cibeli Ramos de Almeida *

Jane Maria Franco de Oliveira **

A estratégia utilizada pelo Estado brasileiro para desenvolver o espaço agrário amazônico privilegiou basicamente dois tipos de estruturas, a saber, a grande exploração mineradora e a pecuária, sendo intensificada nos anos áureos do regime militar através de fortes subsídios destinados a estas estruturas, reproduzindo assim, o modelo de ocupação de terras, historicamente adotado na formação da economia nacional (Campos, 1996).

Arelado a estas estruturas, na maior parte do território, desenvolveu-se o campesinato brasileiro, dependente destas e totalmente excluído das políticas públicas. No caso específico da Amazônia brasileira, tais estruturas, ocuparam e desenvolveram-se nos projetos de colonização oficial, junto aos conflitos de terra com as populações caboclas e os grandes projetos.

Para o caso de Roraima em particular, considerado entre os estados amazônicos brasileiro, um dos últimos a sofrer as pressões advindas das diferenças sociais gritantes encontradas nos demais estados da federação em função dos conflitos com a grande produção, a agricultura camponesa desenvolveu-se principalmente, nos projetos de colonização patrocinados a partir da década de 50 pelo Estado com a criação de três colônias agrícolas oficiais: Fernando Costa, Brás de Aguiar¹, mais conhecida como Cantá, e Coronel Mota, popularizada de colônia do Taiano.

Mas, foi na década de 80, no contexto do POLORORAIMA que os projetos de colonização oficial tiveram grande impulso. Exemplo disso, foi a criação dos Programas de Assentamento Rápido (PAR) e os Programas de Assentamento Dirigido (PAD) nas regiões leste, sul e sudeste do Estado. Rapidamente, estes espaços foram ocupados por migrantes vindos de quase todas as regiões do país, com predomínio da nordeste. Homens e mulheres, com histórias e caminhos diversos e que, muitas vezes se cruzaram antes de aqui chegarem. Estes, foram e são os personagens principais que estruturaram e estruturam a agricultura familiar roraimense.

Segundo Barbosa (1993), 96% dos migrantes que chegaram em Roraima neste

* Enga. Agra., MSc Extensão Rural, na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa-Roraima.

** Enga. Agra., MSc Fitotecnia, pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa-Roraima.

¹ Fernando Costa, hoje município de Mucajaí e Brás de Aguiar, município do Cantá.

período tinham como destino a zona rural. Entretanto, as estatísticas mostram que foi neste mesmo período que se assistiu ao crescimento da taxa da população urbana, chegando a 10,8%, enquanto a da população rural alcançou 2,66%. Para este autor diversos fatores contribuíram para a produção desta realidade, dentre estes a distância do único mercado consumidor – Boa Vista; a especificidade do ecossistema amazônico e o abandono dos agricultores pelo Estado. Desta forma, a política de desenvolvimento adotada pelo Estado, contribuiu para a formação da miséria e da pobreza nos bairros periféricos da capital, fenômeno típico das grandes metrópolis brasileiras; no processo de concentração de terras e no acirramento dos conflitos pela posse das terras indígenas (Barbosa, 1993).

Apesar desta realidade muitos destes agricultores permanecem nestas colônias. Alguns, capitalizados, conseguiram superar tais dificuldades; outros, por acreditarem que às condições na capital não garantirão a reprodução de sua família e outros, ainda, por não terem outras formas de sobreviverem.

A colônia Confiança III, na região do igarapé Cachorro no município do Cantá, foi gestada e produzida neste contexto, representando uma destas realidades. O presente texto pretende descrever um olhar sobre esta realidade.

Um olhar sobre a Confiança III

A colônia Confiança III é composta de 11 vicinais e de um novo prolongamento denominado Estrada Nova, que liga o estado de Roraima ao Amazonas, pela RR 170. Possui ainda 4 vilas, a principal, que é chamada vila Central, localizada próximo ao igarapé Cachorro: vila Santa Rita, localizada no entroncamento entre as vicinais 3 e 6; e as vilas Félix Pinto, localizada no entroncamento entre a 4 e a 9, e Vila União, na vicinal 9.

Em quase duas décadas de existência, o projeto Confiança prossegue histórias bem próximas dos projetos de colonização antiga da Amazônia brasileira, onde a pequena produção se responsabiliza pela abertura das áreas de mata e implantação de pastos para os animais. Aqui, o processo se intensifica na década de 80, quando a maior parte dos agricultores se instalam nos lotes. Para o caso da Confiança em particular, os anos de 1982 e 1991 foram significativos para a colonização deste espaço, pois, neste período o projeto recebeu o maior número de agricultores. É bem verdade que muito dos agricultores que aí se instalaram nesta ocasião, já se foram, ou venderam os seus lotes nas primeiras vicinais e foram habitar outras mais longínquas, abrindo novos picadões na mata.

A trajetória das famílias que colonizam o projeto da Confiança III tem ligação direta com o local de origem. Os agricultores maranhenses, na sua grande maioria, vêm do seu Estado direto para a colônia. Estes fizeram parte dos migrantes que foram trazidos financiados pelo Governo do estado de Roraima. Nos seus relatos, alguns

contam que muitos dos que hoje são seus vizinhos iam ao Maranhão buscá-los patrocinados pelo governo. Outros nordestinos, de vivência mais antiga na Amazônia, percorreram os estados do Maranhão, Pará, Amazonas e Rondônia.

Os agricultores vindos do sul do país, principalmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina têm passagem obrigatória pelo Paraná, que nos anos 70 expandia suas fronteiras agrícolas e assim, muitos agricultores gaúchos foram a procura de melhores condições de vida neste Estado.

A grande maioria saiu dos seus estados em busca do que ali não possuíam, terra para trabalhar. Filhos de agricultores, viviam como arrendatários ou posseiros, vindos para cá motivados pelas propagandas patrocinadas pelo governo roraimense nos seus estados. Partiram em busca de melhores condições de vida e com a esperança de possuírem terra para produzir. Alguns vieram a procura da riqueza que possivelmente seria obtida com os garimpos.

A composição do núcleo familiar que hoje vive na colônia bem como, a idade em que se encontra os seus membros é fator preponderante para o desempenho destas unidades produtivas. Pois, são estes que provêem a mão-de-obra das atividades aí desenvolvidas e apenas eventualmente, é que recorrem a trabalhadores fora da propriedade, sendo este recurso utilizado apenas para as atividades de derruba, limpeza de juquirá e colheita de arroz.² Alguns agricultores utilizam o sistema de ajuda entre vizinhos, conhecido como troca-troca. Tem ainda, mas são casos raros entre estes agricultores, aqueles que trabalham sozinhos e ou contratam trabalhadores permanentes.

As famílias que atualmente compõem a colônia estão estruturadas em um núcleo familiar composto de 5 a 8 pessoas, o casal e filhos. A faixa etária desses agricultores varia em torno de 30 a 50 anos, considerado uma população jovem quando comparada com outras realidades rurais encontradas no país.

Poucos agricultores freqüentaram os bancos da escola formal ou sabem assinar o nome, sendo a mulher a figura do casal que prosseguiu por mais tempo na escola.

O cultivo do arroz, representa a principal atividade agrícola na colônia, seguido da mandioca, que, após processada, é comercializada como farinha e goma. O milho, apesar de reconhecerem a exigência nutricional deste e a pobreza dos solos da região, representa um dos cereais mais cultivados, constituindo-se na principal fonte de alimentação para os pequenos animais e algumas vezes é comercializado.

Em seguida, vem o pasto, que cultivam para valorizar a propriedade. Alguns dos agricultores vivem apenas do aluguel deste, não possuindo gado, observamos este fato principalmente nas primeiras vicinias da colônia, onde concentra-se o maior número de fazendeiros com grandes áreas de pastagens.

Possuir um pequeno sítio ao redor da casa é muito comum, atividade que vem

² Geralmente são contratados para pagamentos em diárias ou empreitadas.

sendo desenvolvida por alguns como estratégia na substituição da exploração das culturas temporárias, especializando-se no cultivo de algumas espécies frutíferas para processamento e produção de polpa dirigida para atender o mercado local, tornando-se uma atividade lucrativa. Entretanto, para a grande maioria as culturas permanentes, representadas aí principalmente pelas fruteiras, são destinadas quase que exclusivamente para o consumo da família. Observamos que explora-se muito pouco as frutas da região, com exceção do cupuaçu que ocupa o quinto lugar na relação das fruteiras que são cultivadas por estes agricultores (ver gráfico em anexo). No entanto, a laranja, a banana, a manga e o coco, respectivamente, aparecem entre as mais citadas. As duas primeiras geralmente, são comercializadas e possuem um número de plantas significativo, o que não acontece com as duas posteriores.

Outra estratégia, é o cultivo de hortaliças, como a tomate e a melancia, praticada por poucos agricultores pois, é uma atividade exigente em mão-de-obra, escassa na região, sendo necessário o uso de irrigação no período seco.

A criação de pequenos animais representa outra fonte de ingressos extra, sendo as aves um dos principais criatórios. Os agricultores comercializam principalmente ovos. Contudo, o destino principal é o autoconsumo.

A criação de porcos também vem sendo desenvolvida e alguns agricultores estão se especializando nesta atividade. A piscicultura é outra atividade que começa a ser desenvolvida na colônia, principalmente entre os agricultores de maior poder aquisitivo, que conseguem com recursos próprios a construção de pequenos açudes para a criação de espécies como tilápia, tambaqui e curimatã.

As relações com o mercado local ainda são tímidas, sendo que a grande maioria tem como objetivo primeiro a subsistência, comercializando apenas o excedente. Nesta direção, é que tentam garantir a produção da maior diversidade possível de produtos na propriedade, tendo que adquirir poucos produtos fora de seu espaço produtivo. Aquelas famílias que necessitam adquirir no mercado os produtos básicos para alimentação da família, são as que se especializaram em alguns produtos, tais como as produtoras de hortaliças e as que desenvolveram um pomar.

A caça e a pesca é uma atividade que faz parte da rotina da maioria destes, representando uma fonte de alimentação importante para estas famílias.

O manejo empregado nos cultivos vem sendo realizado manualmente, pois a maioria não tem acesso a mecanização, nem a tração animal nem tão pouco a máquinas e implementos agrícolas. Alguns agricultores vêm abrindo novas áreas todos os anos; outros, utilizam as que são deixadas em pousio, durante períodos que variam de 2 a 3 anos, aproveitando assim as juquiras, o que dificulta tal prática é o trabalho da limpeza destas. Mesmo assim, eles vem reutilizando-as por períodos de 3 anos antes de introduzirem o pasto.

O processo para implantação de uma cultura é o mesmo utilizado em outras regiões da Amazônia brasileira, qual seja, broca, derruba e queima. As áreas novas são

sempre as mais férteis. Mesmo em áreas já utilizadas, não é comum a utilização de adubação, seja química ou orgânica, para as culturas do arroz, da mandioca ou do milho, que são as principais culturas destes agricultores. As exceções ficam com aqueles que destinam sua produção exclusivamente para atender o mercado, como é o caso dos que cultivam tomate e fruteiras.

O primeiro cultivo quase sempre é o milho, seguido do arroz e mandioca consorciados. Quando é introduzido o pasto este vem por último. O feijão é plantado em pequenas áreas para o consumo, sendo o seu manejo muito variado.

A maior parte destes agricultores possuem suas próprias casas de farinha, que representa uma das principais fontes de ingressos; há também aqueles que não as tem. Geralmente são os recém chegados, eles arrendam dos vizinhos, produzindo de meia, ou ainda, processam na casa de farinha da associação de sua vicinal.

A comercialização dos produtos é realizada quase que exclusivamente na feira do produtor e o transporte dos produtos realizado pelo 'caminhão da feira' que passa no intervalo de 15 dias, em quase todas as vicinais, nos dias de quartas e quintas-feiras, retornando com os agricultores aos sábados. Os agricultores relataram estar insatisfeito com esta situação pois, se perde dias de trabalho. Além disso, na feira do produtor concorrem com os marreteiros e, muitas vezes não encontram espaço para disponibilizar os seus produtos.

Poucos agricultores têm outras alternativas para comercializarem seus produtos, apenas os que possuem transporte particular usufruem dessa possibilidade. Alguns já nem saem de suas propriedades e vendem aí mesmo sua produção, mesmo que a preços inferiores aos comercializados na feira. Outros, conseguem vendê-los direto a CODESAIMA³, mas são todos esses casos, exceções.

Desenvolvem também outras atividades que complementam os ingressos para sobreviverem em suas propriedades, ou ainda, na tentativa de conseguirem recursos para financiarem os investimentos nestas. A primeira situação é a que predomina, sendo o famoso "bico", a atividade comumente praticada, estando aí incluída as atividades de pedreiro, carpinteiro, derrubadas, brocas, empleitas da limpeza das áreas de juquirá, etc., seguida de pequenos comércios, como tabernas na capital, na própria vicinal, comércio de madeiras, madeireiras nas propriedades, etc. Esta última, proporciona investimentos significativos na propriedade, representando muitas vezes o principal ingresso, ficando as atividades de cultivo apenas para a obtenção dos alimentos para o consumo da família.

Depois da agricultura, a atividade garimpeira, quando liberada, é a mais procurada por estes agricultores, seguida do emprego em diversos setores da economia, como por exemplo, gerente de máquinas pesadas em serrarias, vigilância, carpintarias, construção civil, etc. Outros executam ainda atividades de comerciantes,

³ Companhia de Desenvolvimento de Roraima.

caminhoneiros e agricultores que retiram madeira da mata. Muitas destas atividades ainda vêm sendo executadas conjuntamente com a agricultura.

A atividade da retirada da madeira, geralmente é realizada por agricultores que possuem mais recursos e têm caminhões. A madeira extraída é comercializada nas serrarias e madeireiras da capital.

As famílias com menos recursos têm a tendência de fixar moradia com todos os seus membros na colônia, o que não acontece com aquelas que se encontram em melhores condições financeiras. Com a facilidade na obtenção de moradias na capital, muitos agricultores passaram a adquirir casas na cidade, as quais, muitas vezes são alugadas ou mesmo vendidas, no intuito de investir na propriedade; ou mesmo, por não terem condições de permanecerem na cidade devido ao elevado custo de vida, então, optam pela vida na colônia. Muitos dos que não residem com toda a família na propriedade, principalmente com os filhos, buscam a continuação dos estudos dos mesmos na capital, o que não pode ser viabilizado em algumas dessas vicinais.

Apesar das dificuldades encontradas para continuar na colônia, encontramos muito dos agricultores que iniciaram com a abertura do projeto. Eles acreditam que aí poderão conquistar melhores condições de vida.

Conhecer o número de famílias que estão instaladas nestas vicinais se torna quase impossível, grande parte destas tem continuação com varadouros e picadões de quilômetros de extensão. Houve relatos que muitos agricultores estão perdendo sua produção dentro destes picadões, que foram abertos na perspectiva de rapidamente construírem a estrada. Entretanto, alguns destes já tem alguns anos de existência sem a menor infraestrutura. Os agricultores que aí produzem carregam sua produção nos ombros, para poderem viabilizar a sua comercialização, até onde podem alcançar o carro da feira.

Cada vicinal que compõe a colônia tem uma realidade muito particular e uma complexidade de problemas, que passa necessariamente pela falta de infra-estrutura oferecida para os agricultores que aí tentam sobreviver. Algumas possuem uma estrutura mínima. Todas elas são de grandes extensões, tendo uma população bastante variada, sendo nas últimas vicinais, principalmente a oito, a nove, a dez, a onze e parte da quatro, que se concentra o maior número de famílias.

As vicinais um, dois, três, parte da quatro, a cinco, a seis e a sete são quase que tomadas por capim e criação de bovinos. Percorrem-se quilômetros para encontrar algum agricultor cultivando outro produto que não o capim.

A estrutura mínima que é colocada a disposição dos agricultores se constitui de escola, que geralmente funciona até a 4ª série primária, um posto médico e uma associação de produtores.

Nas vicinais que contam com a estrutura das pequenas vilas e onde algumas propriedades ficam próximas, são oferecidas melhores condições, comparada à situação das demais.

Os agricultores se organizam em torno das associações. Em quase todas as vicinais, tem uma em funcionamento, apresentando quase sempre a mesma estrutura, variando apenas no tamanho do patrimônio. Tal patrimônio foi doado pelo governo estadual e por candidatos a cargos eletivos na Assembléia Legislativa estadual e no Congresso Federal, constituindo-se de trator, máquina para beneficiar arroz, casa de farinha, trilhadeira, forrageira, moto-serra, etc.

Algumas já tem mais de oito anos de existência. O funcionamento delas parece não apresentar variações, a não ser nos preços cobrados pelo uso das máquinas e serviços, que variam entre 5-12% do produto processado. A diretoria, em algumas delas é eleita a cada 2 anos. A maior parte dos agricultores estão associados, sendo geralmente através destas que eles conseguem financiamentos.

A associação da vicinal três possui caráter diferenciado das demais, denominada Sociedade Recreativa Desportiva Comunitária Confiança, foi criada em 1986 e está situada na Vila Santa Rita.

Algumas considerações

Impossível olhar tal realidade e não enxergar as necessidades gritantes vividas por estas unidades produtivas. Deficiências estruturais que praticamente inviabilizam a permanência dessas famílias no campo.

São condições mínimas de assistência a saúde; manutenção de estradas, que no período das chuvas tornam-se intransitáveis em algumas vicinais, ocasionando prejuízos de toda ordem.

Temos ainda a questão histórica da falta de políticas de financiamento dirigidas para este setor da agricultura. No entanto, a garantia de mercado para os seus produtos é a questão que mais preocupa os agricultores em virtude da concorrência com os produtores de arroz irrigado e ainda com os marreteiros que exportam farinha de mandioca para o Estado, desvalorizando um de seus principais produtos.

Nossos agricultores são tradicionais cultivadores, como vimos nesta pequena amostra, do arroz, da mandioca e do milho. Desenvolvem um pequeno sítio e não estão conseguindo garantir mercado para os seus produtos.

Algumas alternativas de sistemas de produção vem sendo gestada pela agricultura familiar em outros espaços amazônico muito próximo das condições dos nossos agricultores, visando a sobrevivência e superação dos diversos entraves que limitam a melhoria da qualidade de vida dessas populações. Uma amostra desse quadro é a substituição crescente, por agricultores familiares no estado do Pará, de cultivos temporários por culturas permanentes, procurando diversidade biológica através da combinação de diferentes espécies numa mesma área na busca de conquistar novos mercados e numa perspectiva clara de traçar novos rumos para os sistemas produtivos de base familiar.

Bibliografia:

- BARBOSA, Reinaldo I. Ocupação humana em Roraima II. Uma Revisão do Equívoco da Recente Política de Desenvolvimento e o Crescimento Desordenado. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém: v. 9, n. 2 p. 177-197, 1993, (Série Antropol).
- CAMPOS, Hélio da Costa. **Notas sobre a ocupação de Roraima**. s/d, s/l. (mimeografado).
- CAMPOS, Índio. **Fronteira e campesinato no Trópico Úmido**. Papers do NAEA n. 60, Belém: NAEA/UFPA, 1996.
- RELATÓRIO DO DIAGNÓSTICO DA REALIDADE DOS PEQUENOS PRODUTORES DA COLÔNIA CONFIANÇA III. Boa Vista (RR): Embrapa-RR,
- SILVA, José Rogério Arruda. **Ocupação e colonização em Roraima; a colônia da Confiança III em Bonfim**. Recife: UFPE, 1997. 177p. (Dissertação de mestrado).
- SILVEIRA, Isolda Maciel da. **Migração e Colonização**. s/d, s/l. (mimeografado).